



GESTÃO ESCOLAR: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE DELMIRO GOUVEIA-AL

Eixo-temático: Estágio Supervisionado

Andressa Laís Moreira Fernandes
andressalmfernandes@hotmail.com

Maria Vera Lúcia de Melo
verinhameloufal@gmail.com

Marilza Pavezi
Marilzapavezi2009@hotmail.com

Priscila Teixeira Cabral
priscilatcabral@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho é resultado das experiências de Estágio em Gestão Escolar vivenciadas por alunas do 6º período do curso Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, Campus do Sertão. Abordaremos como ocorreu o contato com esta área do conhecimento e o processo de ensino-aprendizagem, assim como os entraves e possibilidades encontradas na escola campo de estágio. Os procedimentos metodológicos durante a realização do estágio foram de cunho qualitativo através da observação, coleta de dados e intervenções com os seguintes segmentos: equipe de gestão escolar, pais, professores e alunos, com os quais desenvolvemos algumas atividades pedagógicas por meio da utilização de recursos lúdicos. Para enriquecer o debate e subsidiar nossa prática recorreremos a alguns autores como Soares (2006), Ferreiro (2013), Prado (2012), Vasconcellos (2010), entre outros e a Lei 11.788/2008. Quanto aos resultados obtidos podemos afirmar que através do trabalho realizado na instituição campo de estágio, foi possível proporcionar momentos de reflexão aos professores e ao coordenador pedagógico quanto a sua prática didático-pedagógica, além de nos possibilitar enriquecer os conhecimentos necessários para a formação do pedagogo através da relação teoria e prática.

Palavras-chave: Alfabetização e letramento. Atividades lúdicas. Gestão Escolar.

1 – INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado I, disciplina obrigatória na matriz curricular do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus Sertão, é realizado na área da Gestão Escolar, cujo está prescrito na Lei 11.788/2008, que dispõe sobre o estágio de



estudantes. O parágrafo 1º do art. 2º da referida lei, reza que “Estágio obrigatório é aquele definido como tal no projeto do curso, cuja carga horária é requisito para aprovação e obtenção do diploma”. O estágio em gestão proporciona ao graduando a oportunidade de acompanhar a rotina do coordenador pedagógico e do diretor, assim como conhecer as suas atribuições, o que irá conduzi-lo a aceitação e identificação ou não, com essa área profissional. Para Prado (2012, p. 12) “o estágio em Gestão, assim como o de docência, é indispensável na construção identitária do novo profissional da educação”. Sendo que é nele que o discente tem um contato mais abrangente com a instituição escolar, local que possivelmente irá exercer sua profissão.

Há quem acredite que a teoria por si só é suficiente para fazer o aluno aprender, ter acesso ao conhecimento. Assim também, há quem acredite que na prática temos acesso a conhecimentos que não são possíveis na teoria, concepções assim podem não ver relação entre teoria e prática para a construção do conhecimento. Para Prado não há teoria sem prática e prática sem teoria, ambas estão interligadas,

Frequentes debates e estudos sobre a dicotomia existente entre os saberes teóricos e os práticos mostram que muito já foi feito ao longo dos anos no sentido da superação dessa falácia, isto porque não existe teoria sem prática, nem tampouco prática sem teoria, uma é indispensável à outra no processo de verdadeira construção do conhecimento [...]. (PRADO, 2012, p. 40).

Nesse contexto, o estágio em gestão, momento em que o aluno vai ter contato direto com o seu campo profissional de atuação, vai fazer uso dos seus conhecimentos teóricos, observar, refletir e intervir na prática, vê-se a importância de desenvolver um projeto de intervenção, uma vez que isso possibilitará ao estagiário a oportunidade de assumir a função de gestor e/ou coordenador pedagógico, ter contato com vários segmentos da escola, refletir sobre a realidade escolar, para assim empregar os embasamentos teóricos pertinentes à sua prática.

No estágio supervisionado em gestão um dos requisitos obrigatórios é o momento das intervenções com os pais, alunos e professores, tendo como objetivo discutir sobre um problema pertinente à escola. A problemática apresentada pela escola campo de estágio Noêmia Bandeira da Silva, localizada no Município de Delmiro Gouveia – Alagoas foi indicada pelos docentes e gestores da própria instituição, onde apontaram que a questão da leitura e da escrita era um problema que necessitava ser trabalhado de imediato, uma vez que



a falta de propriedade dos estudantes com essas linguagens afeta toda a escola e produz resultados negativos no processo de ensino-aprendizagem, nos resultados das provas externas e no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Dessa forma, as intervenções do estágio foram elaboradas a partir dessa temática.

2 – O LÚDICO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como foi comentando o tema a ser trabalhado na intervenção do estágio em gestão deve surgir a partir de um problema que afeta a comunidade escolar, dessa forma a temática escolhida na escola supracitada, pelo gestor, o coordenador pedagógico e os professores foi à dificuldade no processo de aprendizagem, diante da falta de domínio com a leitura e a escrita vivenciada por alguns alunos que cursam o ensino fundamental maior nessa escola. Esses alunos apresentam dificuldade para se apropriar dos conteúdos em todas as disciplinas porque não são alfabetizados convencionalmente. Assim, percebendo a necessidade de novas metodologias no processo de ensino-aprendizagem desses estudantes, utilizamos o recurso lúdico como meio de apropriação da leitura e da escrita. Por esse motivo o tema do projeto de intervenção foi “*A utilização do lúdico para trabalhar a leitura e a escrita com alunos do ensino fundamental*”.

Pensar como está ocorrendo o processo de ensino-aprendizagem da leitura e escrita é um momento singular, é refletir todo o contexto escolar, certo que é na sala de aula e envolvendo toda a comunidade escolar, pois o contexto em que o aluno está inserido, os professores como “responsáveis” pela alfabetização dos alunos e a gestão escolar com a responsabilidade de orientar pedagogicamente os professores e prover recursos necessários, assim como um ambiente favorável para os alunos aprenderem. Com a observação no campo de estágio, foi possível perceber como está ocorrendo este envolvimento, assim como a relevância desta temática.

Diante disso e da proposta do estágio em unir os atores escolares para trabalhar com o tema sugerido, de modo que o problema alvo do projeto de intervenção afeta todos esses segmentos, percebemos o quão importante seria a aplicação de uma intervenção que trabalhasse com a leitura e a escrita a partir de uma metodologia lúdica, a fim de identificar as



potencialidades dos alunos e mostrar aos professores que utilizar de forma intencional diferentes recursos em sala de aula, respeitando as particularidades dos alunos, acarreta efeitos positivos para o processo de aprendizagem dos estudantes. Portanto, essas intervenções foi uma possibilidade de fazer com que os professores refletissem sobre suas práticas de ensino em sala de aula e sobre a atenção que é dada as particularidades de cada aluno. Assim também, possibilitou que os pais e alunos vivenciassem situações pedagógicas lúdicas, as quais eles não tinham contato.

A alfabetização é um processo muito importante na vida escolar do ser humano, de modo que é nesse período, ou deveria ser, que o indivíduo irá aprender a ler e escrever. Segundo Soares (2006, p. 31) “alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”. Emília Ferreiro (2013) acrescenta que o processo de alfabetização pode ter início muito cedo quando são dadas oportunidades. Entretanto, se ninguém lê e escreve no entorno das crianças pequenas, se não houver livros, elas não têm condições de dar os primeiros passos na cultural escrita.

Para a instituição campo de estágio, a discussão sobre o processo de alfabetização é muito presente, pois os professores falam sobre a importância do aluno aprender ler e escrever, porém, na prática vê-se que esse discurso não se concretiza, de modo que os docentes acabam priorizando a codificação, trabalhando com a transcrição de texto, mesmo existindo alunos que não sabem ler e escrever de forma convencional na sala de aula e já tendo passado pelo período de alfabetização, segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa – PNAIC. Dessa forma, percebe-se que os docentes acabam não levando em consideração se o aluno está compreendendo o que ler e escreve, assim como criando vários estereótipos para os alunos que não são alfabetizados convencionalmente.

Reduzindo o sentido da alfabetização, os professores acabam minimizando as possibilidades de aprendizagem dos alunos, no entanto, os mesmos devem considerar os conhecimentos prévios dos estudantes, como ponto de partida para desenvolver suas potencialidades e atuar no que os alunos precisam desenvolver como corrobora Martins (2008, p. 35),

[...] para a Zona de desenvolvimento Próximo: a distância entre aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha e aquilo que ela faz com a ajuda e, em breve, será capaz de realizar autonomamente. Quando é feita referência às habilidades independentes da



criança, estamos nos referindo ao nível de desenvolvimento real, de onde deve partir a ação educativa.

Ou seja, os professores devem atuar na zona de desenvolvimento próximo do aluno para que o mesmo desenvolva sua aprendizagem, pois ao mediar este processo o professor irá colaborar de forma concisa no que o aluno necessita, considerando também os conhecimentos que eles já realizam independentemente. Apreciando assim, os processos de letramento que os alunos possuem.

De acordo com Soares (2006, p. 18) a partir do momento que o indivíduo se apropria da linguagem oral e escrita ele “altera seu estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos”. Ou seja, ele assume uma nova postura na sociedade, isso porque através do uso da leitura e da escrita ele consegue responder as demandas sociais de forma diferenciada daqueles que não são alfabetizados convencionalmente.

A leitura constitui um processo que faz parte da vida do ser humano, sendo ela um dos meios que o indivíduo adquire conhecimentos e interage com o meio social. Por meio da leitura o homem desenvolve sua criticidade, adquire experiências e (re) constrói conhecimentos. Mas a leitura e a escrita devem fazer parte da vida do ser humano, deve ser uma prática cotidiana, de significado elevado para ele. Uma vez que não basta ser alfabetizado, o indivíduo tem que fazer uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Soares afirma (2006) que para responder às exigências de leitura e escrita cobradas pela sociedade surge o termo letramento, que é a condição ou estado de quem faz uso da linguagem oral e escrita no cotidiano.

De modo que existem pessoas que não são alfabetizadas convencionalmente, mas utilizam a leitura e a escrita no meio social, através de uma pessoa alfabetizada, ou seja, digamos, por exemplo, que o Sr. José precisa tomar um ônibus para o centro da cidade em que mora, mas não é alfabetizado, portanto não sabe ler e escrever, diante disso pede para uma mulher que está esperando o ônibus junto a ele, ler o letreiro daquele transporte público que está na parada para averiguar se o seu destino é para o centro da cidade.

Para Soares (2006, p. 24),

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa



forma, letrado [...]. Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva [...], se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita [...].

Mas, têm pessoas que sabem ler e escrever convencionalmente, mas não fazem uso social dessas linguagens, por isso são consideradas analfabetas funcionais, assim como iletradas, ou seja, pessoa não letrada, como aborda Magda Soares (2006).

Nesse contexto, vale ressaltar a importância do professor ter ciência e valorizar a oralidade do aluno, isso porque no processo de ensino-aprendizagem o docente costuma apreciar a escrita como centro deste processo e acaba minimizando o valor da fala. De acordo com Cagliari (2001) a fala precede à escrita, por isso ela deve ser estimulada, trabalhada com maior intensidade na sala de aula.

Essa supervalorização da escrita faz com que o professor utilize métodos tradicionais de ensino, distanciando mais ainda o que se pretende ensinar ao aluno, pois deve considerar que os mesmos já estão fora da faixa etária proposta para serem alfabetizados, e se o docente avança nos assuntos, sendo esta uma postura errônea, pois como foi supracitado, ele deve partir dos conhecimentos reais do aluno, aquilo que autonomamente ele deve desenvolver, e se a metodologia do docente é tradicional, dificulta ainda mais a aprendizagem do aluno.

Portanto, faz-se necessário inovar as metodologias, utilizar recursos que atraiam os discentes para alcançar os objetivos das atividades propostas pelo professor, assim como o desenvolvimento do aluno. Sendo o lúdico um recurso que pode proporcionar ao aluno interesse pela aprendizagem formal, satisfação em desenvolver determinadas atividades, prazer e a interação com a atividade em si, com o professor e com os colegas.

Diante da problemática da escola campo de estágio, das características da turma alvo da intervenção, o lúdico se apresentou como um recurso metodológico de suma importância, uma vez que as metodologias tradicionais acabam estagnando a aprendizagem dos sujeitos da intervenção da intervenção. Pinto e Tavares (2010) abordam sobre a relevância do lúdico,

Por meio do lúdico, a criança canaliza suas energias, vence suas dificuldades, modifica sua realidade, propicia condições de liberação da fantasia e a transforma em uma grande fonte de prazer. E isso não está apenas no ato de brincar, está no ato de ler, no apropriar-se da literatura como forma natural de descobrimento e



compreensão do mundo, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração.

Sendo assim, o lúdico não pode ser utilizado no ambiente educativo apenas como forma de entretenimento e sim como um recurso pedagógico que contribui para o desenvolvimento integral da criança. Desse modo, o lúdico apresentou-se como um instrumento favorável para se trabalhar a leitura e a escrita na esfera educativa, onde a forma de ensino que prevalece é a tradicional, aquela onde somente o professor é o detentor do conhecimento e o aluno um sujeito passivo, assumindo apenas a função de receptor desse conhecimento. Assim o uso do lúdico na proposta pedagógica possibilita a participação do aluno, desenvolvendo assim a sua autonomia, interação e respeito para com as outras pessoas.

3 – MOMENTO TEÓRICO-PRÁTICO: APRENDENDO COM AS ATIVIDADES LÚDICAS

As intervenções na escola campo de estágio ocorreram em dois dias, onde no primeiro dia foi com os segmentos pais e alunos e no segundo dia com os professores e gestores. As atividades e momentos de discussões foram planejadas de acordo com a temática proposta pela escola, tendo em vista proporcionar uma reflexão sobre os métodos de ensino e aprendizagem.

No primeiro dia a intervenção consistiu na realização de uma gincana educativa com algumas atividades pautadas em uma metodologia diferenciada com base no lúdico. No primeiro momento o grupo de alunos e pais foi dividido em quatro equipes (azul, verde, vermelha e laranja) logo em seguida deu-se início as atividades, a primeira foi a atividade denominada “bingo com nome”, onde cada membro dos grupos receberam uma cartela de bingo contendo o seu nome. O sorteio foi feito utilizando letras móveis do alfabeto e à medida que era tirado a letra que continha no nome do aluno, ele marcava na cartela utilizando um caroço de feijão, até preencher o seu nome todo. A segunda atividade foi “caça ao tesouro”, onde cada grupo recebeu uma lista contendo 10 palavras, as quais estavam espalhadas pelo prédio e deveriam ser encontradas pelos pais e alunos participantes.

Foram realizadas outras atividades lúdicas como “caixa de Pandora”, “caixa surpresa” e “leitura e criação de história a partir da leitura de imagens”. Em todas essas



atividades houve a participação efetiva dos estudantes e dos pais presentes, os quais se envolveram, se divertiram e aprenderam por meio dessa ferramenta pouco utilizada nessa escola.

No segundo dia a intervenção aconteceu com os professores e gestores, para esse momento foram organizadas algumas atividades lúdicas e momentos de discussões sobre a temática proposta. Uma das atividades foi um monólogo em libras feito por uma das estagiárias, onde os professores foram questionados se haviam entendido o que foi apresentado pela estagiária e como a resposta foi negativa, assim justificou-se que essa era a mesma situação que os alunos que não sabem ler e escrever convencionalmente passavam na sala de aula, sem entender o que os professores pediam para eles codificarem e decodificarem. Houveram outras atividades durante a realização dessa intervenção que proporcionaram aos professores visualizarem como foi a participação e envolvimento dos alunos uma vez que os mesmo ao realizarem as mesmas atividades se divertiram a medida que aprendiam. Com isso a medida que participavam das atividades pensavam como realizariam em suas aulas de acordo com a disciplina que ministram.

Posteriormente houve um momento de discussão sobre a importância do lúdico no processo de ensino e aprendizagem e sobre alfabetização e letramento, o que deu margem a outras discussões que envolvem a gestão escolar e todos os atores escolares, como gestão democrática, gestão autoritária, avaliação, currículo, participação dos pais na vida escolar dos alunos, entre outras.

Para encerrar o momento foi solicitado aos professores e ao coordenador pedagógico que avaliassem a intervenção com intuito de analisar se foi alcançado os objetivos das intervenções e proporcionar um olhar crítico tanto para os docentes e o coordenador pedagógico quanto para as estagiárias, para que problematizando as intervenções pudesse perceber se o recurso utilizado possui real relevância, se a forma como foi trabalhada é adequada, afim de demonstrar aos professores da escola que o planejamento deve ser flexível, assim como (re) planejado inúmeras vezes.

4 – DISCUTINDO A GESTÃO ESCOLAR



A gestão escolar engloba várias atribuições dentro da instituição educacional, assim refere-se a organização do processo educativo, dispondo de elementos que envolvam todo o contexto escolar, nos aspectos pedagógicos e administrativos da escola para alcançar os objetivos, que nesse ambiente é a educação dos alunos. Como afirma Libâneo (2004) [...] “a gestão é a atividade pela qual são mobilizados meios e procedimentos para se atingir os objetivos da organização, envolvendo, basicamente, os aspectos gerenciais e técnico-administrativos”. (LIBÂNEO, 2004, p.101).

Composta pelo diretor e coordenador pedagógico, a gestão escolar possui historicamente uma postura autoritária, onde os processos administrativos da escola são concentrados exclusivamente na pessoa do diretor, que também realiza a tomada de decisões e terceiriza ao coordenador pedagógico a função de comunicar aos atores escolares, nesta ótica a gestão é autoritária.

“Já numa tomada concepção democrática-participativa, o processo de tomada de decisões se dá coletivamente, participativamente” (LIBÂNEO, 2004, p.101). Na perspectiva democrática há um envolvimento de toda comunidade escolar, por meio de representações de cada seguimento e que possui voz no processo educativo, seja na construção do Projeto Político Pedagógico - PPP, do currículo da escola, na construção de um projeto pedagógico, entre outras. Dessa forma a participação é fundamental para uma gestão democrática.

O diretor deve ter ciência do seu papel na gestão, assim como segurança na sua atitude e postura, para que possa gerir a organização da escola de forma a garantir um espaço aberto a participação e posicionamento efetivo de todos os segmentos escolares, sendo assim, sua função é articular e integrar esses segmentos, obtendo conhecimento contínuo e promovendo espaços de saberes não só para ele, como também para os professores incentivando-os a estudar e pesquisar, inclusive dentro da escola, mostrando que esse ambiente é um espaço de teoria, assim como de prática e não apenas da prática, do fazer acontecer, como do preparar-se para melhorar o processo pedagógico. Portanto, como defende Vasconcellos, “a grande tarefa da direção, numa perspectiva democrática, é fazer a escola funcionar pautada num projeto coletivo”. (2002, p. 61).

O coordenador pedagógico tem a função de articular, formar e transformar na escola, sendo o mediador entre alunos, professores, comunidades e o currículo. Um profissional que auxilia os professores no processo de ensino e aprendizagem, tendo conhecimento dos aspectos



relevantes as questões pedagógicas, como a realidade sociocultural em que a escola está situada e as relações interpessoais dos agentes envolvidos.

A partir da realidade em que a comunidade escolar se encontra, o coordenador pedagógico deve proporcionar condições e estratégias para que o trabalho a ser realizado pelos docentes sejam de forma coerente e pensado no coletivo. No entanto, muitas vezes esse profissional por não ter conhecimento da sua real função passa a desempenhar outras funções, como o papel de secretário, auxiliar de sala, bibliotecário e entre outras. É necessário que o coordenador pedagógico tenha clareza das suas atribuições para que este possa desempenhá-las com maior segurança e compromisso.

É importante que a direção participe com frequência das reuniões pedagógicas, que devem acontecer no mínimo semanalmente, a fim de conhecer as necessidades e demandas da escola, ouvir a opinião dos professores e coordenadores e expor seus argumentos. Cabe a coordenação pedagógica o papel de coordenar as reuniões pedagógicas, e à direção, as reuniões escolares, sendo que as aprovações das decisões devem ser feitas coletivamente em ambas as situações.

Mas, alguns diretores que se pautam em uma pedagogia autoritária, caem no equívoco de pensar que a sua presença nas reuniões pedagógicas implicaria apenas coordenar e deliberar ou não as decisões tomadas. Segundo Vasconcellos (2002), a situação fica complicada quando a direção não participa dessas reuniões, e quando resolve aparecer, é casualmente, provocando incômodo aos professores. O diretor que se enquadra nesse perfil, acredita que sua função é apenas resolver problemas do cotidiano e assinar papéis.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi pontuado, o estágio que acontece na área da Gestão Escolar é o primeiro momento de contato real do graduando com o seu futuro campo profissional. Sendo que a proposta desse estágio é possibilitar que o estudante vivencie e observe a rotina do gestor e do coordenador pedagógico em uma instituição escolar, assim como, compreenda como gerir uma escola estando na condição desses profissionais, a luz dos conhecimentos teóricos aprendidos no curso. Certo que é no estágio que o estudante refletirá sobre a sua prática e o campo profissional que quer atuar, se existe identificação ou não com aquela área.



Este estágio deu-nos a oportunidade de experienciar as atribuições e as dificuldades diárias enfrentadas pela gestão escolar, e nos admitiu analisar de forma crítica essa prática, para assim pensar como poderá ser a nossa, enquanto futuras pedagogas. De acordo com Lima e Pimenta (2004), o estágio é indispensável para a formação do docente, por isso deve ser considerado como um momento de exploração do ambiente, investigação das práticas pedagógicas da instituição, reflexão e intervenção na comunidade escolar, uma vez que o estágio supervisionado é uma ferramenta que contribui para a superação da dicotomia que existe entre teoria e prática no campo acadêmico e escolar, quando desenvolvido objetivando fomentar atividades de pesquisa.

“O estágio, ao contrário do que se propugnava, não é atividade prática, mas teórica, instrumentalizadora da práxis docente, entendida esta como atividade de transformação da realidade”. (LIMA; PIMENTA, 2004, p. 45). Desse modo, o estágio não está desvinculado da teoria, como identificado por alguns, isso porque nele o estudante poderá utilizar dos conhecimentos teóricos para apontar possíveis soluções e mudanças no trabalho docente e na instituição escolar campo de estágio ou de atuação, contribuindo assim para a transformação da realidade.

E assim, acreditamos que a temática proposta nas intervenções foi de grande relevância para a comunidade escolar, pois, por ser um problema que faz parte da realidade da instituição, despertou o interesse de todos os atores escolares, os quais se envolveram e participaram com muito entusiasmo das atividades propostas. Os alunos tiveram contato com uma metodologia que não faz parte do seu cotidiano escolar e isso estimulou a sua curiosidade e participação. Os membros da equipe de gestão escolar, bem como do corpo docente tiveram a possibilidade de refletir sobre as suas práticas e demonstraram interesse em utilizar algumas das atividades lúdicas apresentadas para trabalhar nas disciplinas específicas que lecionam, como forma de ressignificar a sua práxis. De acordo com Cunha (2004, Apud. CUSTODIO, et al. P. 3),

O ato de brincar possibilita infinitas maneiras de trabalhar com os alunos: a interação, o lúdico, a brincadeira em geral leva o aluno a construção do conhecimento. O brincar não se resume como um meio de diversão e descontração. É um ponto importante que deve ser explorado e valorizado na escola e dentro da sala de aula. Porém o brincar é muito mais que um simples momento de divertir é um dos caminhos que pode levar ao conhecimento.



Dessa forma, a metodologia apresentada nas intervenções, com base no lúdico, mostrou-se como uma possibilidade para os professores repensarem as suas práticas, tendo em vista o interesse despertado pelos alunos e a possível mudança no aprendizado dos mesmos.

Lima e Pimenta acreditam que “[...] o estágio, em seus fundamentos teóricos e práticos, seja esse espaço de diálogo e de lições, de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e construir um jeito de caminhar na educação de modo a favorecer resultados de melhores aprendizagens dos alunos”. (2004, p.129). Foi exatamente nessa perspectiva que o estágio aconteceu, com o propósito de favorecer positivamente a gestão escolar, os professores e os alunos por meio do trabalho desenvolvido por nós, isso porque esse espaço deve ser visto como um objeto de estudo, observação, pesquisa, análise e reflexão, que busca a transformação da realidade.

6 - REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008.** Dispõe sobre o estágio de estudantes; altera a redação do art. 428 da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996; revoga as Leis nºs 6.494, de 7 de dezembro de 1977, e 8.859, de 23 de março de 1994, o parágrafo único do art. 82 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o art. 6º da Medida Provisória nº 2.164-41, de 24 de agosto de 2001; e dá outras providências.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo, SP: editora scipione; 10º ed. 2001.

CUSTODIO, et al. **Leitura e Escrita:** o lúdico no espaço escolar, S/D.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola:** teoria e prática. 5º ed. Editora Alternativa. Goiânia, 2004.

MARTINS, Lilian Cassia Bacich. **A construção de conceitos de ciências naturais na Educação Infantil.** São Paulo. 2008.

Nova Escola. São Paulo: Abril. Junho/julho 2013 – INSS 0103011-6.



PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, Edna. **Estágio na licenciatura em Pedagogia**: gestão educacional. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2

PINTO, Cibele Lemes; TAVARES, Helenice Maria. **O lúdico na aprendizagem**: Aprender e aprender. Uberlândia. 2010.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 2.ed. 11. reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VASCONCELLOS, Celso S.. Sobre o Trabalho da Equipe Diretiva no Processo de Mudança. IN: **Sobre o trabalho da equipe diretiva no processo de mudança da prática pedagógica**: por uma gestão democrática. 9a ed. São Paulo: Libertad, 2009.